



caburé

v.4 n.1 (2025)

e-ISSN 2675-2816

Reconhecimento, participação política e mercado étnico: lideranças quilombolas e o empoderamento feminino

Recognition, political participation and ethnic market: quilombol leadership and female empowerment

Divânia Cássia Costa da Silva

(Docente do Núcleo Humanidades da UFAL, Campus do Sertão)

E-mail: divaniacassia@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta uma discussão sobre a relação entre os processos políticos e as lideranças quilombolas. A pretensão aqui é entender como as transformações sociais, ocorridas dentro do arcabouço político estruturado nas últimas décadas no país, podem ter se configurado enquanto oportunidades políticas, sobretudo para a constituição e inserção de lideranças quilombolas em novos espaços sociais. Assim, por meio de questionários e entrevistas abertas, este artigo demonstra que as lideranças femininas da Serra das Viúvas desenvolvem por meio de suas lutas identitárias estratégias de projeção social e política, em meio a arenas de disputas de poder, que por sua vez, lhes conferem visibilidade dentro e fora da comunidade. Constatata-se assim, que por meio de seu artesanato étnico, essas lideranças acionam diversificados recursos e habilidades e os reconvertem em estratégias políticas de empoderamento para diferentes inserções sociais.

Palavras-chaves: liderança feminina, reconhecimento, quilombolas, empoderamento.

Abstract

This article presents a discussion on the relationship between political processes and quilombola leadership. The intention here is to understand how the social transformations that occurred within the political framework structured in the last decades in the country may have been configured as political opportunities, especially for the constitution and insertion of quilombola leaders in new social spaces. Thus, through questionnaires and open interviews, this article demonstrates that the female leaders of Serra das Viúvas develop strategies of social and political projection through their identity struggles amid arenas of power struggles, which in turn give them visibility inside and outside the community. It is clear that, through their ethnic craftsmanship, these leaders activate diverse resources and skills and convert them into strategies of political empowerment for different social insertions.

Keywords: female leadership, recognition, quilombolas, empowerment.

1. Introdução

Este artigo tem como objeto de estudo a relação entre reconhecimento e justiça social. Tal análise se volta para a comunidade quilombola Serra das Viúvas, situada no sertão de Alagoas. É interesse deste estudo compreender como as orientações que permeiam as ações de luta por reconhecimento conduzidas pelas líderes mulheres dessa comunidade, direcionam suas inserções em diferentes espaços sociais, políticos e econômicos junto a outros grupos e instituições. O que se pretende é analisar em que medida a luta por reconhecimento político desenvolvida na comunidade Serra das Viúvas interfere nas transformações da situação de desigualdade étnico-racial e cultural vivenciada por esse coletivo.

Este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla acerca dos processos políticos e as participações coletivas. Enquanto objeto de minha tese- *Reconhecimento,*

mercado étnico e participação política: a questão quilombola e a comunidade Serra das Viúvas, busquei relacionar as transformações estruturais no arcabouço político brasileiro e as diversificações no repertório de ações políticas dessa comunidade. Desse modo, trago para este artigo, uma discussão mais focada nas lideranças desse coletivo e suas formas de agir em torno de seus bens simbólicos, o artesanato étnico, em meio a disputas políticas e projeções por espaços de poder.

A comunidade Serra das Viúvas possui mais de 100 famílias, a maioria liderada por mulheres lavradoras, extrativistas e artesãs, que fazem dos produtos derivados de recursos naturais seus sustentos e de suas famílias. Em 6 de outubro de 2009, receberam da Fundação Cultural Palmares (FCP) o certificado de autorreconhecimento. Em finais da década de 1990, início dos anos 2000, como resultado de estímulos externos, as mulheres da comunidade decidiram se organizar para desenhar um empreendimento comunitário que sistematizasse a produção e comercialização do artesanato. A iniciativa é liderada por Marlene e Belinha, filhas de dona Maria Isabel (Mãe Bela). Assim, a comunidade local fundou, em 16 de outubro de 2010, a Associação de Mulheres Artesãs Quilombolas Serra das Viúvas (Amaqui), cuja sede funcionava inicialmente, na casa de farinha de Mãe Bela. Essas mulheres se referem aos objetos confeccionados para a venda em termos de “artesanato quilombola”.

Essa realidade de reconhecimento e institucionalização da comunidade quilombola Serra das Viúvas, aqui brevemente problematizada, compõe inúmeras realidades étnico raciais latentes hoje nas sociedades tidas como multiculturais. Nas últimas décadas, essas sociedades com pluralidades culturais, étnicas e raciais (TYLOR, 1992, 1994; YONG, 2000) têm despertado interesse analítico em diferentes áreas de conhecimento da Antropologia, Sociologia, assim como da Ciência Política, dentre outras. Desse modo, os debates travados dentro e entre essas áreas de estudo acerca da justiça social e participação política apontam para o reconhecimento como um importante elemento a ser compreendido nesse cenário de mobilizações sociais. Nessa vertente, países latino-americanos, como o Brasil, acompanhando diretrizes e orientações internacionais em torno de um desenvolvimento mais alternativo, passam a desenvolver políticas de inclusão social, étnica e cultural, impactando o arcabouço estrutural do Estado. Seguindo essa perspectiva, tais realidades políticas e sociais em transformação têm oferecido fecundos cenários de mobilizações coletivas em torno de participação política e inclusão social, evocando, assim, diferentes correntes de análise, no intuito de apreender suas lógicas de ação.

Desse modo, seguindo orientações jurídico-normativas internacionais, o Brasil passa a desenvolver uma série de políticas públicas inclusivas a partir do início dos anos 2000, transformando completamente o cenário político e social do país. Assim, inclinações para um etnodesenvolvimento (STAVENHAGEN, 1984; SILVA, 2011) irão compor uma série de ações estruturais efetivadas pelo Estado, caracterizando tais circunstâncias como “singulares aberturas políticas” para a organização e desenvolvimento de determinados grupos tidos como marginalizados de certos direitos sociais e políticos. Historicamente, os movimentos sociais em torno tanto de lutas por reconhecimento quanto por mobilizações por garantias materiais e redistributivas travam um embate conflitivo com o Estado. De modo que, normalmente, somente por meio dessas lutas que tais grupos conseguem garantir seus direitos ao reconhecimento político e identitário, bem como, em muitos casos, também direito à redistribuição de bens materiais.

O cenário político nacional, aqui brevemente problematizado, parece apontar para um contexto específico de oportunidades políticas (MCADAM; TARROW, 1996, 2011) em que determinadas mobilizações, e até mesmo constituição de novos movimentos sociais, acontecem viabilizados por transformações nas condições sociais e políticas. Essa dinâmica de institucionalização de políticas diferenciadas, nesse caso afirmativas, ocorre num processo em que não só os movimentos sociais são impactados por essas transformações políticas, mas também são causadores de modificações nesses novos cenários. Percebe-se assim a complexidade que envolve o debate sobre reconhecimento e participação política.

Desse modo, as dinâmicas relacionais entre os diferentes atores que compunham as redes de relação dessa comunidade sugerem interessantes formas de conduzir as circunstâncias em torno de suas mobilizações, sejam elas de garantias, sejam elas de ameaças. As participações políticas das lideranças da Serra permitiram a esse coletivo diferentes inserções sociais, ampliando seus espaços de ação e influência. Aproximações junto a diferentes atores tornam-se importantes elementos constituintes dessas relações em transformação, ou seja, as interações entre essas diversificadas realidades inseridas em contextos específicos conduzem a formas de agir, que sugerem ressignificações das mobilizações identitárias desenvolvidas pela comunidade.

Tornou-se assim, importante para este artigo, entender as circunstâncias nas quais estão inseridos esses atores, objetivando identificar possíveis relações causais entre fatores diversos e adversos envolvidos nessa realidade em transformação.

Seguindo tal lógica, este estudo aponta para conexões entre seus pertencimentos étnicos e territoriais e suas movimentações políticas em torno da justiça social. Assim, a preservação do território da Serra das Viúvas é estratégica, sobretudo para manter as diferentes dinâmicas grupais responsáveis pela coesão e preservação desse coletivo, como é o caso de seu artesanato local. Embora existam circunstâncias conflitivas em torno da terra, o grupo apresenta estratégias eficientes de manter suas mobilizações identitárias e ainda, reafirma-se diante de seu território reivindicando dessa forma, seus espaços de pertencimentos culturais.

2. Artesanato étnico, liderança quilombola e empoderamento feminino na Serra das Viúvas

Imagem 1: Belinha, liderança quilombola da Serra das Viúvas, filha de Mãe Bela e irmã de Marlene, concedendo entrevista para rede de televisão local.



27

Fonte: Amaqui, 2014

A liderança feminina na Serra das Viúvas é notória nessa realidade coletiva. O destaque aqui não se resume ao fato de serem elas, as artesãs, responsáveis pela Amaqui, mas também serem responsáveis pelas diretrizes das ações políticas da comunidade. Portanto, torna-se importante para este artigo entender as lógicas envolvidas nas diretrizes propostas por essas lideranças em seus repertórios de luta por reconhecimento étnico e racial. Desse modo, é preciso pensar como a ação coletiva reflete nas condutas individuais e na produção e reprodução da vida cotidiana destes atores sociais. Pensar, ainda, de que forma possíveis retribuições simbólicas e materiais são acessadas por essas lideranças.

O entendimento deste artigo perpassa pela compreensão do fenômeno do engajamento político dessas lideranças enquanto resultante de fatores sociais, políticos, econômicos e culturais. O espaço que a mulher ocupa enquanto liderança na Serra das

Viúvas parece indicar fatores específicos presentes na gênese da comunidade, que estariam relacionados às condições objetivas que abarcariam o grupo. Não caberia, assim, afirmar a liderança feminina na Serra tão somente pelo fato de ser um grupo assumidamente diferenciado, etnicamente e culturalmente falando.

Faz-se necessário buscar entender os elementos envolvidos na constituição desse *status* de liderança feminina em uma realidade em que diferentes pertencimentos identitários parecem se entrelaçar. Essas mulheres demonstram deter saberes tradicionais em diferentes dimensões da vida, conhecimentos culturais ligados à religiosidade, ligados ao artesanato, conhecimentos artísticos ou mesmo médicos quando trazem seus saberes sobre ervas medicinais ou perpetuam a arte das benzedeiras. Assim, despontam em circunstâncias de empoderamento como líderes de demandas políticas e econômicas dentro de seus grupos (NEVES, 2019).

Frequentemente, estudos sobre a questão de gênero, mais precisamente voltados para as participações políticas de mulheres em mobilizações sociais, apontam para uma relação entre domínios de saberes e empoderamento feminino (CRENSHAW, 2002; NEVES, 2019; TUBALDINI, 2010). A presença de certo grau de invisibilidade presente nesses espaços envolve questões relativas a mulheres marginalizadas por seu gênero, cor, etnia, religião. Ao mesmo tempo, estar inserida em tais circunstâncias pode fornecer trunfos, saberes, conhecimentos que direcionam para certo reconhecimento e *status* diferenciado.

Ao analisar a gênese da Serra das Viúvas, foi possível se apropriar de informações que podem contribuir com algumas compreensões sobre o lugar que a mulher ocupa hoje neste grupo. Por meio dos relatos orais, ficou evidenciado desde cedo que a presença de mulheres sempre foi majoritária. Do total de entrevistas e questionários aplicados na comunidade, menos de 10% foram com homens. Não só pelo fato de serem minoria na comunidade, mas também por demonstrarem certos constrangimentos em conversar com pessoas estranhas ao grupo. Nesse sentido, é importante frisar que a grande maioria dos homens da comunidade desenvolve trabalhos fora do município e também do estado, no que popularmente é conhecido como “trecho” – trabalham no trecho. Não saberia relacionar de forma determinante se o número maior de mulheres do que de homens estaria relacionado às origens do grupo. No entanto, é possível fazer algumas reflexões relacionais acerca dessa realidade:

Bom, essa sua pergunta... bom, eu vou respondê por mim. Num sei as outra, mas eu vou falá o que eu penso. Aqui derna dos tempo atrás de minha vó e minha bisavó, isso é que minha mãe me falava. Quando Lampião matou os home daqui, as muié teve que se virá. Foi tratá da cana e foi pro engenho. Num é?! Se não, como é que ia comer? Então, ela conta que, as veis, andavam o dia todo pra fazê o manejo da cana e das outra plantação dono do engenho, né?! Que era o avó de Maurício. Mais ela nunca deixou de fazer o artesanato e ensinar pra minha mãe e minha mãe ensinou pra gente e assim vai. Os mais jove vai aprendeno e passano. Isso eu digo é de minha vó (Entrevista com liderança da comunidade Serra das Viúvas, realizada durante trabalho de campo).

O fato de os homens terem sido assassinados pelos cangaceiros há décadas, segundo as memórias e relatos orais dos moradores da Serra, pode indicar a ressignificação que essas mulheres passaram a fazer de seus papéis nesse coletivo. Com a ausência súbita de seus companheiros e prováveis provedores de suas subsistências, as poucas famílias residentes tiveram que reordenar suas lógicas de organização interna, de modo que as mulheres passariam a desempenhar um papel crucial na sobrevivência e resistência do grupo, ampliando seus afazeres para além dos limites caseiros. Os trabalhos na lavoura, na plantação e na colheita, no próprio engenho e, no caso da Serra das Viúvas, na produção do artesanato se tornam atividades inerentes às rotinas dessas mulheres. Desse modo, o empoderamento dessas líderes quilombolas se liga às suas referências históricas, na medida em que constituem uma trajetória de luta e contraposição dos espaços de invisibilidade, opressão e desigualdade (CRENSHAW, 2002).

29

Desse modo, circunstâncias peculiares em relação às origens da comunidade fornecem pistas sobre os posicionamentos sociais e políticos que essas líderes mulheres passam a assumir dentro e fora dos limites do grupo. A partir do momento em que as mulheres se inserirem em outros espaços, diferentes relações sociais e políticas passam a fazer parte de suas vidas. Com tais inserções variadas, elas agregam em suas trajetórias conhecimentos e habilidades que só foram possíveis em detrimento de mudanças em suas condições objetivas. Com essas entradas em novos espaços de convívio e trabalho, as mulheres da comunidade ampliam, ainda que em alguns momentos de forma involuntária, suas redes de amizade.

Com isso, as mulheres da Serra das Viúvas, ao longo de suas trajetórias, envolvem-se com movimentações sociais e políticas variadas. Desde seus envolvimentos com associações e sindicatos rurais, elas também tomam a frente da

construção da própria sede das associações da comunidade, tanto a de moradores de forma geral, que foi a primeira a ser constituída, quanto a construção da Amaqui. Além disso, as lideranças femininas se inseriram em mobilizações políticas direcionadas para seu reconhecimento quilombola e também lideraram ações de caráter reivindicatório redistributivo. Estudos sobre populações rurais e os espaços de lideranças femininas (NEVES, 2019; SOUZA; ARAÚJO, 2014) têm demonstrado que existe uma relação entre o ativismo dessas mulheres nos processos mobilizatórios dos movimentos sociais no campo e o seu envolvimento em demandas redistributivas, as mudanças nas relações de poder em espaços públicos e em seus círculos de convívio mais pessoais. Com efeito, elas vão ocupando por meio dessas ações posicionamentos que as projetam dentro do grupo como pessoas que demonstram “competências” para a comunidade alcançar o sucesso de lutas travadas.

Essas competências e habilidades – muitas conferidas a partir de suas vivências culturais e sociais – objetivamente passam a ser reconvertidas em recursos sociais, quando as oportunidades políticas contribuem com certas flexibilizações das circunstâncias em torno do grupo. Durante os últimos anos de desenvolvimento da comunidade, as lideranças femininas abraçaram diferentes lutas sociais. Nesse bojo de mobilizações políticas, as lutas em torno da reivindicação identitária da comunidade como remanescente de quilombo se destacaram como um eixo norteador de suas movimentações em torno de outras dimensões da vida da comunidade.

30

3. Lideranças femininas, mercado étnico e transformações na comunidade quilombola Serra das Viúvas

Imagen 2: Artesanato quilombola da Serra das Viúvas em exposição em feira artesanal fora do estado.



Fonte: Amaqui

O processo de reconhecimento político da categoria identitária quilombola e o processo de institucionalização do artesanato por meio da Amaqui, embora ocorram em momentos distintos, coexistem em suas interdependências. Com a amplitude das movimentações do grupo em torno do reconhecimento quilombola, ele passa a perceber essa “diferença identitária e étnica” como uma forma de lhe conferir “*status social*” junto a instituições e grupos diversos. Essa percepção em torno de sua apropriação de autorreconhecimento é transferida também para seu artesanato étnico:

31

Assim, o nosso artesanato sempre foi importante. A gente sempre foi conhecida aqui como as artesãs da Serra. Mas, quando a gente virou quilombola, aí já muda um pouco, né?! Assim, eu quero dizê que agora o artesanato, também é quilombola. Então, você sabe, né?! Essas coisas ficam diferentes. Essa coisa de sê de uma comunidade tradicional, né, é assim que se diz, né?! E aqui, sê uma comunidade tradicional e quilombola, então isso só trais mais valor pras peças (Entrevista com liderança da comunidade Serra das Viúvas, realizada durante trabalho de campo).

Ao reconhecer a importância de uma atribuição categorial para a projeção do artesanato local, a liderança confere um significado de conexão entre esses processos. Ao passo que a comunidade se aproximava da efetivação institucional de sua Associação de Mulheres Artesãs Quilombolas (Amaqui), colocava para o grupo a importância de definir um enquadramento categorial para si; processos que se

desenvolveram de forma relacional, no sentido de interdependentes e coexistentes. Desse modo, no caso da Serra das Viúvas, tornar-se quilombola significou, sobretudo, tornar-se “quilombola artesã”.

Essa dinâmica de *status* categorial que se projeta nas diferentes dimensões do grupo é condizente com uma atmosfera de etnodesenvolvimento em que as interconexões entre diferentes esferas sociais acontecem (STAVENHAGEN, 1984). Isso significa que a preservação e a autonomia dessas comunidades não sugerem isolamento ou rupturas com as realidades próximas, mas, antes, esses coletivos precisam a partir de suas frequentes e variadas inserções sociais desenvolver estratégias de interação junto a esses novos atores. O que precisa ser pensado por parte do grupo étnico é quais interações devem ser feitas, com quais grupos e instituições e para quais finalidades. Assim, as aproximações ou mesmo distanciamentos podem definir suas possibilidades de se projetar em novos espaços políticos e de poder.

Portanto, com suas interações com realidades diversas, essas lideranças acessam e internalizam diferentes conteúdos e experiências que irão compor seus repertórios de ações. Interpretam mudanças contextuais como oportunidades ou ameaças, negociam circunstâncias interpretativas que definem conflitos ou soluções e constroem estratégias para direcionar tais contextos (DIANI, 1992); ou seja, imersas nas transformações contextuais vigentes, as lideranças femininas da Serra assimilam e, a partir de seus conhecimentos e competências internalizadas, criam suas próprias percepções da realidade, bem como as estratégias de luta. Existe aqui uma compreensão por parte dessas mulheres de que essa simbiose entre artesanato e a categoria identitária quilombola, mais do que um reconhecimento étnico e racial, pode significar novas inserções sociais e políticas, além de ganhos materiais.

Nesse contexto, elas passam a unir um saber tradicional com novas técnicas de conhecimento. O que só foi possível, nesse caso, pela forma que essas lideranças entenderam e projetaram suas lutas em torno do reconhecimento cultural, o novo enriquecendo o tradicional. Isso significa para elas a não descaracterização de seu trabalho artesanal. Os processos de reconhecimento quilombola e o de institucionalização do seu artesanato possibilitaram a essas mulheres artesãs e lideranças ressignificar suas heranças culturais e tradicionais, ou seja, no que diz respeito à perpetuação do “fazer artesanato”, houve o entendimento de agregar conhecimento e valor também a partir de processos inéditos ao grupo, resultantes de suas articulações com novos atores sociais. Essa percepção que elas passam a

desenvolver do artesanato quilombola perpassa, inclusive, por possíveis ganhos simbólicos como *status* social ou mesmo ganhos distributivos.

Desse modo, o artesanato da Serra passa a se inserir em uma dinâmica de mercado de bens simbólicos (BOURDIEU, 1996; THOMPSON, 1995), onde passam a ter um valor de mercado quando projetados para além das fronteiras da comunidade, tornando assim, esse artesanato étnico um importante elemento de projeção e coesão do grupo. Assim, o grupo se movimenta em torno de seus pertencimentos étnicos e culturais orientados por meio de sua atividade artesanal que se torna uma fonte de renda alternativa, mas também estratégico trunfo em suas mobilizações políticas nas arenas de disputas por poder e influência social. Dessa forma, o ethus mercadológico em torno de uma categorização identitária e suas produções simbólicas, principalmente em torno do seu artesanato, deve aqui ser compreendido por meio das relações que a comunidade vai estabelecendo ao longo de sua trajetória enquanto quilombola.

Nesse sentido, trazendo ainda o artesanato como eixo norteador de vários processos internos ao grupo, sobretudo relacionados às suas lideranças femininas, faz-se necessário refletir sobre o significado que o artesanato passa a ter em relação a essas mulheres e seus próprios grupos familiares. Os impactos de suas posturas diante das demandas contenciosas ou de oportunidades. É muito interessante perceber como as lideranças femininas se projetaram dentro do grupo enquanto personagens de destaque, a partir de seus recursos sociais e saberes adquiridos em meio às suas inserções diversificadas. Interessante, também, é buscar relacionar tais projeções às suas vivências mais pessoais, no âmbito de seus círculos familiares. Quando questionadas sobre como os homens da comunidade enxergam o trabalho delas como lideranças e como artesãs, algumas líderes chegaram a demonstrar certos constrangimentos ou desinteresse em conversar sobre tal problemática:

33

Ah... os home daqui pássaro a respitá nós depois de tudo isso. Eles já respeitava. Mais, depois disso, eles viro que a gente tem força. Se num fosse a gente, num tinha saído esse reconhecimento, não. A nossa associação só foi nós, as mulhé da comunidade. Pra num dizê que não tem homi ajudano, tem um... [risadas] Verdade, tem um homi na associação. Mais foi nós que correu atraídos de tudo. Até a igreja da comunidade foi nós que tomô a frente. Então, eles viro que a gente num tá pra brincadeira, viro que a mulhé tem força, né?! (Entrevista com liderança da comunidade Serra das Viúvas, realizada durante trabalho de campo).

Viche... [risadas] Responde tu, Belinha [risadas]. Na nossa

casa, os homi, também respeita nós. Sabe que a gente também trabalha pra ajuda na casa. Depois que o artesanato começou a dá mais um dinheirinho, né?! Depois da associação, aí eles ficaro mais contente. Passaro a creditar mais. Então, nós ganha nosso dinheiro, ajuda na casa e assim, nós vai ajudano a comunidade. Então funciona assim, cada um faz sua parte. Tem uns que qué dá um de valentão, né?! [risadas] Mais nós tem que entendê isso, também. É homi, né?! [risadas] (Entrevista com liderança da comunidade Serra das Viúvas, realizada durante trabalho de campo).

A compreensão que essas mulheres expressam sobre o lugar do artesanato na comunidade revela também as percepções que possuem acerca de suas posturas dentro dos grupos de convívio mais pessoais. Elas afirmam existir na comunidade o que seria o reconhecimento dos homens em relação ao importante papel desempenhado por elas. Afirram, também, a contribuição delas na manutenção e sobrevivência de suas famílias. Relatam, ainda, a importância de seus trabalhos para ajudar no desenvolvimento e permanência da comunidade. No entanto, quando tentamos extrapolar as fronteiras do coletivo para entender os impactos de tais posicionamentos de líder em suas relações mais pessoais, elas demonstraram posicionamentos de resistência e constrangimentos em relação a essa questão.

Ao se esquivarem de tais diálogos, aparentemente de cunho mais subjetivos e pessoais, as entrevistadas direcionam as respostas sempre para o viés econômico, ou seja, o reconhecimento de seus trabalhos – sobretudo junto ao artesanato – traz uma contribuição material para a comunidade, que tanto elas quanto o resto do grupo fazem questão de salientar. Entretanto, o reconhecimento simbólico de suas atuações perpassa por outros processos mais complexos e multidimensionais, porque as ações individuais e suas diferentes formas de internalizações (BOURDIEU, 1998) precisam ser objetivadas, buscando entender os sentidos envolvidos nas ações desses atores em questão. Assim, a valoração de suas posturas enquanto líderes mulheres para a comunidade, está refletida em seus relatos por meio de vários exemplos de fatos coletivos pertinentes ao grupo.

Dessa forma, trilhar com equilíbrio a relação entre elementos da subjetividade em meio a circunstâncias objetivas exige foco no tipo de relação causal que se busca compreender. Quando as lideranças trazem exemplos concretos de como identificar suas contribuições e reconhecimento do desenvolvimento da comunidade, sobretudo redistributivo, demostram a clareza que elas possuem acerca de seus papéis em nível de grupo. O que já não se traduz com tanta clareza quando se direcionam as mesmas

reflexões para o nível mais interpessoal. Uma delas chega a mencionar que, pelo fato de ser homem, é preciso entender algumas posturas mais intransigentes.

Pressupõem-se que existem desafios constantes nas trajetórias dessas mulheres que exigem por parte delas internalizações e ressignificações constantes de suas realidades. Como conectar diferentes conteúdos e saberes em suas práticas cotidianas. Como mediar conflitos e acordos em nível coletivo e entender o impacto de tal postura em dimensões mais particulares de suas vidas, pois suas identidades pessoais e coletivas resultam das interações nas mais diversas esferas sociais, inclusive familiares.

Com efeito, a perspectiva multidimensional parece indicar a necessidade de olhar atentamente para elementos variados presentes nas trajetórias dessas lideranças, que permitam entender seus posicionamentos políticos. O artesanato, assim, parece ser o eixo norteador de vários processos de mobilização e organização ocorridos dentro da comunidade. Inclusive, como uma referência de identificação para essas lideranças artesãs dentro e fora da comunidade. Não apenas nos seus espaços familiares, elas são vistas e identificadas como mulheres artesãs, mas também fora das fronteiras da comunidade. Dessa forma, o artesanato se projeta enquanto gatilho de orientações pessoais e coletivas em torno de lutas por reconhecimento e possíveis retribuições simbólicas e materiais.

Nessa perspectiva, as formas de participação política das lideranças da Serra das Viúvas demonstram uma complexidade de fatores relacionados, pertencentes a esferas sociais diversas, inclusive familiar. Não se trata apenas de apresentar construções categóricas em torno dessas líderes, mas numa perspectiva mais transversal compreender de forma relacional os diferentes fatores envolvidos na constituição e sobrevivência desse grupo, inclusive por meio das ações de suas mulheres artesãs. Desse modo, o que parece acontecer é uma redefinição dos limites relacionais entre esses atores, de modo que a partir de possíveis situações conflitivas e adversas se constroem alternativas a tais modificações conjunturais. Essas lideranças indicam se apropriar, ao longo de suas trajetórias, de saberes e recursos diversos e os reconvertem em estratégias de ação para novas inserções sociais e políticas.

35

4. Conclusão

Sendo assim, a comunidade Serra das Viúvas, inserida nesse cenário de mudanças, internaliza essas mudanças de forma a ressignificar algumas dimensões

importantes à organização e permanência do grupo. As lutas por reconhecimento identitário defendidas pela comunidade passam a ter suas diretrizes organizadas também a partir de mudanças nos contextos políticos mais amplos. Com as aberturas políticas no arcabouço institucional do país, entendimentos de garantias e estabilidade (TILLY, 1996; TARROW, 2013) são captados pelo grupo de forma a direcionar suas ações.

Desse modo, destaca-se aqui a ocupação do espaço de empoderamento por parte das mulheres da Serra das Viúvas enquanto lideranças. Os impactos de transformações estruturais nos comportamentos e direcionamentos de ações coletivas levaram à constituição de recursos e habilidades acionados por essas lideranças em suas lutas políticas. Os seus saberes herdados e reproduzidos em gerações, associados a novos conhecimentos e técnicas adquiridos em novas experiências, somam-se à ampliada rede de relações, que permite a esse grupo inserções sociais e políticas cada vez mais vastas.

Assim, essas mulheres despontam em circunstâncias de empoderamento como líderes de demandas políticas e econômicas dentro de seu grupo. Esta pesquisa aponta então, para uma relação entre domínios de saberes e empoderamento feminino (CRENSHAW, 2002; NEVES, 2019; TUBALDINI, 2010). A visibilidade que essas líderes mulheres passam a ter dentro e fora de seus limites territoriais, está diretamente relacionada aos diversificados espaços sociais nas quais estão envolvidas. Sendo assim, estar inserida em tais circunstâncias, podem lhe fornecer trunfos, saberes, conhecimentos que lhe direcionam para um certo reconhecimento e status diferenciado.

Desse modo, o artesanato local passa a desempenhar um papel crucial dentro desse coletivo quando permite a garantia de gratificações simbólicas como status, conhecimentos e habilidades inovadoras, bem como a possibilidade de garantias materiais e econômicas como o aumento da renda dessas famílias e até, o acesso a produtos industrializados antes não possíveis de serem consumidos. Com efeito, o artesanato se projeta enquanto gatilho de orientações pessoais e coletivas em torno de lutas por reconhecimento e possíveis retribuições redistributivas.

O resultado dessas movimentações, que não podem ser entendidas aqui como “aleatórias” ou “desinteressadas” (GAXIE, 1977), são dinâmicas específicas de enfrentamento a diferentes formas de injustiça e constrangimentos sociais. No mesmo bojo dessas ações, o grupo entende que lutas por justiça social não inviabilizam movimentações por ganhos distributivos. E isso ficou evidenciado neste artigo quando, diante de circunstâncias de abertura ou ameaça, o grupo se apropria de saberes e

competências específicas às suas vivências para encontrar alternativas que o favorecessem. Os ganhos advindos dessas aproximações de atores e espaços variados vão desde ganhos simbólicos como *status*, novos conhecimentos, ampliação de redes de contato e reconhecimento, até ganhos materiais como cestas básicas, cisternas, dinheiro e material de construção.

Nesse sentido, significa afirmar que entre essas estratégicas alternativas se encontra o artesanato étnico, que passa a ser ressignificado a partir da aproximação do grupo com orientações mais mercadológicas. Não se trata aqui de verificar acertos e erros das escolhas desse coletivo, mas compreender os tipos de percepção que esses atores criaram de suas realidades. Desse modo, o artesanato étnico enquanto eixo de coesão da comunidade, demonstra estar em dinâmica e constante ressignificação, numa relação direta e multidimensional com suas lutas por reconhecimento identitário. A Serra das Viúvas, então, encontra no reconhecimento identitário étnico e cultural, atrelado ao fazer artesanal quilombola, uma estratégia de enfrentamento tanto de seus conflitos internos quanto das situações de constrangimento e desigualdade social.

Referências:

37

BOURDIEU, Pierre. A Representação política. Elementos para uma teoria do Campo Político. In: _____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas, 1/2002.

DIANI, M. **The concept of social movement**. *The Sociological Review*, Keele, v. 40, n. 1, p. 1-25, 1992.

ELIAS, Norbert, **O Processo Civilizador**, 2 vols. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

ENNES, Marcelo Alario. MARCON, Frank. **Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder**. Sociologias, Porto Alegre, ano 16, no 35, jan/abr 2014, p. 274-305.

GAXIE, D. **Èconomie des Partis ET rétributions do militantisme**. Revue Française de Science Politique, n. 1, v. 27, 1977.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento: A Gramática Moral dos Conflitos Sociais**. São Paulo, Ed. 34, 2003.

MCADAM, Doug; TARROW, Sidney. **Movimentos Sociais e Eleições: por uma compreensão mais ampla do contexto político da contestação relação entre movimentos e política eleitoral**. Sociologias. Porto Alegre, ano 13, n. 28, set./dez. 2011.

NEVES, Paulo S. C. **A questão quilombola sob o prisma do gênero, ou como a**

busca identitária inverte lógicas do poder masculino: um estudo de caso. Revista Fórum Identidades. Itabaiana- SE. Universidade Federal de Sergipe, v. 30, nº 01, p. 97-111, jul.-dez. de 2019.

RUGIU, A. **Nostalgia do mestre artesão.** Campinas, Autores Associados, 1998.

SILVA, Aline Ferreira da. **Etnodesenvolvimento Quilombola no Governo Lula.** 2011.

193 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia-PPGS. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão.

SOUZA, Patrícia Borba de; ARAÚJO, Klariene Andrielly. **A Mulher Quilombola: da Invisibilidade à Necessidade por Novas Perspectivas Sociais e Econômicas** In: ESTEVES, Juliana Teixeira; BARBOSA, José Luciano Albino; FALCÃO, Pablo Ricardo de Lima (Orgs.). Direitos, gênero e movimentos sociais II. Florianópolis: CONPEDI, 2014.

STAVENHAGEN, R. **Etnodesenvolvimento: uma dimensão ignorada no pensamento desenvolvimentista.** Anuário Antropológico. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. 1984.

TARROW, S. *The language of contention: revolutions in words 1688-2012.* Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalism and the “Politics of Recognition”**, Princeton, Princeton University Press. 1992.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo: examinando a política de reconhecimento.** Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

38

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TUBALDINI, Maria Aparecida dos Santos. **O trabalho pluriativo da mulher quilombola na recuperação ambiental e manutenção da família no Vale do Rio Doce/MG.** 4º Encontro da rede de estudos rurais, Curitiba/PR 2010.

YOUNG, Iris Marion. **Representação Política, Identidade e Minorias.** Do original (Capítulo 4) Inclusion and democracy. Oxford University Press. Lua Nova. Tradução de Alexandre Morales. 2000.